



## Palavras de um Bispo exilado

Um esplendido movimento de solidariedade episcopal acaba de expandir-se glorioso e commovedor dentro d'essa Patria estremeçada, de que me encontro desterrado ha longos desaseis mêses.

A defêsa dos direitos da Igreja, conculcados por uma lei oppressora, inspirou a meus Irmãos no Episcopado paginas de incomparavel elevação, protestos de energia vibrante, brados de indignada eloquencia.

As sentenças iniquias e arbitrarías que os iam punindo, uns após outros, provocavam, da parte d'elles, documentos de uma logica inflexivel e de um valor juridico que o estrangeiro tem acolhido com veneração e entusiasmo.

O meu coração de Bispo Portuguez sentia-se innocentemente orgulhoso com este côro unanime de louvores, e essa nova pagina scintillante addicionada á historia da Igreja em Portugal veiu trazer-me ás agruras do exilio o mais suave lenitivo.

Não pude conservar-me silencioso por mais tempo. Deus me é testemunha da violencia que tive de fazer a mim mesmo para represar até hoje os sentimentos que se agitavam na minha alma. Ponderosos motivos, dictados pelas circumstancias excepcionalissimas do meu exilio, e mais ainda pelas condições em que a perseguição do governo provisorio da republica me collocou com relação á minha amada Diocese, persuadiam este silencio. Os que me conhecem comprehendem facilmente quanto elle violentava o meu character e quanto devia opprimir-me o coração.

Mas a expansão que até aqui me era insistentemente representada como inoportuna, é neste momento mais que uma oportunidade; é um dever.

O solidarizar-me com os meus Irmãos no Episcopado, o enviar-lhes o parabem do desterrado, o dizer-lhes que de longe está meu coração vibrando a unisono com o d'elles, é ao mesmo tempo consolação para a meu affecto fraterno e desafogo para a minha saudosa nostalgia.

Já não se tracta das perseguições, dos ultrages, da espoliação e dos injustos processos movidos contra a minha pessoa; tracta-se das pessoas venerandas dos outros Prelados Portuguezes, despojados da dotação e dos bens da Mitra, expulsos dos seus paços, e exilados das suas dioceses; tracta-se da Igreja, minha Mãe, desacatada em seus direitos sacratissimos e ultrajada nos seus mais puros affectos.

O meu vehemente protesto já não poderão malsiná-lo, como sendo estimulado pelos meus prejuizos individuaes; pois me calei emquanto só destes se tractou. Não poderá uma prudencia excessiva desaconselhar-m'ó, como podendo servir de pretexto a represalias contra a Igreja e os meus Collegas; pois a iniquidade contra uma e outros está já consummada. Não poderá sequer invocar-se a razão de que, tendo sido nomeado para a diocese de Beja um Administrador Apostolico durante a minha forçada ausencia, por Decreto da Sagrada Congregação Consistorial de 20 de Janeiro de 1911, não podia dirigir-me officialmente (nem convinha também fazê-lo officiosamente) aos meus queridos diocesanos; pois o que se passou com as mais dioceses convida-me a dirigir este brado, ao mesmo tempo de *sympathia* e de *indignação*, não só á porção da grei que me foi confiada, mas a quantos se presam de escutar a voz da justiça e da verdade.

\* \* \*

Brado de *sympathia*, disse eu. Não podem com effeito deixar de exhalar-se-me da alma, envoltos numa atmosphaera de *sympathia*, os sentimentos de *admiração* pela attitude nobilissima do Clero Portuguez perante os inimigos da Igreja, e de *reconhecimento* pelas inequivocas provas de benevolencia e immerecido apreço que tem vindo dulcificar-me o exilio.

*Admiração*, e consoladora *admiração*, como não experimentá-la ao ver a nobre independencia que, sem desrespeitar os poderes publicos, sem afastar-se um apice, não digo já das minimas exigencias da legalidade, mas dos mais atilados primores da cortesia, soube firmar-se majestosamente no baculo, erguer altivamente a frente cingida pela mitra, repetir com voz, a que em vão os perseguidores querem fingir-se insensíveis, o *non possumus* dos Apostolos? Como não experimentá-la, ao ver a immensa maioria do nosso Clero, seguindo o exemplo dos seus Chefes, sacrificar desinteressadamente os proventos, e escolher antes a pobreza com honra, do que uns magros recursos obtidos á custa da consciencia e do dever?

Mas, se o aprumo e santa energia dos representantes da Igreja em Portugal justificam a minha *admiração*, mais ainda a justifica a aureola que os circunda como a perseguidos.

Fulgentes eram já as mitras dos meus Irmãos no Episcopado, scintillando com a profusa e valiosa pedraria de suas virtudes e talentos; mas o rubi sanguineo, que como perseguidos engastaram nella, é a sua joia de maior preço.

Da minha pobre mitra então, é – posso dizê-lo – joia unica. Quiz o Senhor que o primeiro golpe dos perseguidores fosse vibrado contra o ultimo dos Bispos Portuguezes. Arremessou-me a tempestade para mais longe que nenhum outro, quando, buscado para a morte por inimigos a quem só desejei e desejo ainda agora todo o bem, os que podiam aconselhar-me me obrigaram, apesar das minhas porfiadas insistencias, a esperar momento menos temerario para regressar á minha Sé. Depois, enquanto ancioso espero por esse momento, que se me afigurava tão proximo, vibram-me segundo golpe, vedando-me com a injustiça dos processos, intentados em outubro de 1910 e abril de 1911, o transpôr as fronteiras da Patria. Não ha duvida : suppria para mim o Senhor, com estas joia do soffrimento, os esmaltes com que a santidade e a sciencia matizavam as mitras de meus Irmãos. Espoliado da dotação, pouco depois declarado iniquia e irritamente destituído da minha diocese, com essas multiplas experiencias fiquei mais apto para comprehender e sentir as dôres de meus Irmãos, quando soasse tambem para elles a hora da perseguição. Mas porque, á magoa de me ver gratuitamente odiado, se alliava a ineffavel alegria que sentiam os Apostolos quando *ibant gaudentes quoniam digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati*, por isso tambem agora, á solidariedade com que acompanho na dôr os meus Collegas, não posso deixar de unir o parabem sincero que merecem os heroicos perseguidos.

Ao soltar este brado de *sympathia*, devo alliar, num mesmo acorde, com a nota da admiração, a do reconhecimento.

A Deus, meu Senhor e Consolador, o elevo eu primeiro que tudo, pois a Elle me reconheço devedor de todo o balsamo vertido por mãos amigas sobre as feridas que rasgam o coração do pobre Bispo desterrado.

Nenhum conforto podia egualar o que do alto do Vaticano me enviou carinhoso o Pae commun dos fieis, o Pastor dos Pastores, o Vice-Deus na terra, Sua Santidade o Papa Pio X, o qual, alem de numerosas consolações particulares, na encyclica *Jamdudum in Lusitania*, á face de todo o orbe catholico, levou a sua ternura paternal ao ponto de erguer-me da minha pequenez e, unindo-me numa só apologia ao meu admiravel Irmão venerando Bispo do Porto, defender com auctoridade da sua palavra suprema a minha causa e vingar o meu bom nome das calumnias com que já de longe me vinham insultando os inimigos dos direitos ecclesiasticos.

Depois, foram os meus Collegas no Episcopado Portuguez, que, tanto em sua carinhosa correspondencia particular, como nos protestos de 31 de Março e de 5 de Agosto de 1911, se solidarizaram commigo, vindo collocar-se a meu lado.

E aos Prelados da minha saudosa Patria, devo ajunctar a recordação de eminentes Antistites, que, em Hespanha, França, Belgica, Hollanda e Suissa, ora se dignaram utilizar em tão diversas terras os trabalhos do meu Ministerio Pastoral, ora me acolheram com a mais fraternal e carinhosa hospitalidade, como sobre

todos o fez o Eminentissimo Cardeal Arcebispo de Sevilla, pondo á minha disposição o Palacio de San Telmo.

E que direi das ininterrompidas demonstrações de affecto, respeito e entusiasmo dos catholicos, que quasi transformaram em marcha triumphal o meu peregrinar destes longos mezes de exilio? Não podem illudir-me essas demonstrações : não as motivaram dotes pessoas que não havia; eram sómente dirigidas ao Bispo perseguido pela causa de Deus.

Ao Summo Pontifice pois, a cuja voz e aceno me prezo de obedecer como o mais humilde dos filhos; aos illustres Prelados Portuguezes e aos generosos Antistites que no desterro me acolheram; a tantos dedicados amigos, compatriotas e estrangeiros; a todos dirijo por este meio o testemunho da minha mais comovida gratidão.

Mas se os sentimentos de admiração e reconhecimento se exhalam suavemente da minha alma envoltos n'uma atmospheria de sympathia, sinto por outra parte irromper-me impetuosamente da mesma alma, como uma labareda de indignação, o protesto contra a tyrannia que na minha desditosa Patria se está exercendo em nome da liberdade; contra os decretos violadores dos direitos da Igreja hypocritamente promulgados sob capa de respeito á consciencia catholica e ás conveniencias ecclesiasticas; contra o antripatriotico e retrogrado rasgar das tradições mais amadas pela immensa maioria dos portuguezes; contra as iniquias, arbitrarías e revoltantes sentenças proferidas por quem, em virtude da divisão dos poderes, não tinha competencia jurisdiccional, e para levar a efeito as perseguições que o odio lhe inspirava, teve de atropellar a propria constituição republicana do paiz.

Será o meu protesto breve, mas vehemente e franco, inspirado pelos mais sagrados principios da liberdade que me prezo de amar apaixonadamente, como acendradamente amo a minha Patria, como amo filialmente a Igreja, minha Mãe.

Nenhuma incompatibilidade tem a Igreja com as varias formas de governo, que possam para si escolher as nações; mas o que não pode o catholico, menos ainda o Bispo, é, sob pretexto de um acatamento mal interpretado á auctoridade constituida, sujeitar-se a leis attentatorias dos direitos de Deus, e que por isso mesmo não são leis, nem conteem em si o germen da obrigação. Obedecer a uma lei iniquia é um crime –, como dizia o Papa Leão XIII.

Protesto pois, com toda a minha alma, contra os abusos da auctoridade, que motivaram os magnificos documentos individuaes e collectivos publicados n'estes ultimos tempos pelo Episcopado Portuguez; contra as invasões do poder que tentou continuar anachronicamente n'um regime chamado de separação, e exaggerou até as tradições de um regalismo durante seculos funestissimo para a causa de Deus no nosso paiz.

Protesto contra todas as vexações de que foram alvo as pessoas dos meus venerandos Collegas e dos illustres Governadores ecclesiasticos a quem tinham confiado na ausencia as suas Dioceses.

Protesto contra as perseguições de todo o genero, sem exceptuar a prisão, de que foi victima gloriosa o nosso Clero.

Página | 5

E, embora de todo o coração perdoe os agravos feitos á minha pessoa, obrigado comtudo pelo juramento, que todo o Bispo presta na sua Sagração, de defender os direitos da Igreja e da propria Diocese, á qual o prendem vinculos de que só o Summo Pontífice, e mais ninguem, o pode desligar; protesto contra a injusta espoliação, a attentada destituição e os criminosos intentos contra a minha liberdade e vida; o que tudo ia violar sacrilegamente os direitos sagrados da Igreja e de Jesus Christo.

Protesto finalmente contra o desprezo systematico das tradições mais caras do nosso Portugal, com que um jacobinismo sem illustração, obedecendo a odios inconfessaveis de seita, tem espalhado a desordem e a anarchia no paiz, e enluctado o coração dos verdadeiros Portugêses.

Lourdes, festa da Apparição de Nossa Senhora, 11 de fevereiro de 1912.

† SEBASTIÃO, Bispo de Beja.

www.domsebastiao.org